O VALOR E OS PRINCÍPIOS CIVILIZATÓRIOS DAS MATRIZES AFRICANAS NA VIDA E TRAJETÓRIA DE UMA MULHER NEGRA

Rejane Maria Pereira da Silva*
Lúcia Maria dos Prazeres**
Millena de Azeredo Lopes Ventura***

Resumo

Este artigo propõe-se a tecer uma narrativa acerca da história de vida de mulheres negras de candomblé, sua construção identitária e a importância dos valores civilizatórios africanos na vida e trajetória de uma mulher negra: esta é a Lúcia dos Prazeres. O referido tema se apresenta em artigo para apresentação no colóquio do grupo de pesquisa Religiões, Identidades e Diálogo, realizado pela Universidade Católica de Pernambuco, do programa de pós-graduação em Ciências da Religião. Nosso objetivo geral é historiar e compreender como são construídas as identidades das mulheres negras de candomblé – aproveitaremos o momento para traçar a dimensão dos valores africanos na vida e trajetória dessas mulheres dando enfoque a uma mulher negra, idosa, yalorixá, Lúcia dos Prazeres, que dedicou toda sua vida a religião de matriz africana – entrelaçando com a discussão social acerca das diversas formas de violência e opressão que recaem de maneira perversa em suas vidas, nas suas psiquês e na sua religião, o que contribui para fomento do racismo religioso

Palavras-chave: Candomblé, mulheres negras, valores civilizatórios africanos.

1 INTRODUÇÃO

Para se falar de candomblé é preciso primeiramente pedir licença a Exu, divindade religiosa africana, senhor da comunicação, senhor das

* Doutoranda em Ciências da Religião - UNICAP. e-mail: rejanepereira4@gmail.com
** Doutoranda em Ciências da Religião - UNICAP. Notório saber em cultura popular. E-mail: maria.2021801101@unicap.br
*** Graduanda em Pedagogia – UFPE – e-mail: millena.ventura@ufpe.br

Encruzilhadas e, portanto, da interseccionalidade. Ainda sobre Exu, complementa Rufino, 2018:

> Exu, enquanto princípio explicativo do mundo translado na diáspora que versa acerca dos acontecimentos, dos movimentos, da ambivalência, do inacabamento e dos caminhos enquanto possibilidades (p.78).

Exu é esse orixá sagrado que permite as comunicações e as escrevivências negras. Sobre escrevivência, nos diz Akotirene, 2019:

> Proponho cantiga decolonial por raízes psíquicas, intelectuais, espirituais, em nome das Águas atlânticas [...]. Mulheres negras entrelaçadas em desfazerem rotas hegemônicas (p.15).

Essa é a luta das mulheres negras desde a travessia forçada ao Brasil, travessia que não jogou nem leite, nem mel para a população negra, mas que possibilitou outros ajuntamentos num processo de irmandade onde uma sobe e puxa outra, de acordo com Figueiredo, 2018,

> Podemos considerar as irmandades religiosas negras como as primeiras formas de organização política negra, uma vez que muitas estavam baseadas em mecanismos de ajuda mútua, através da compra de alforria e da capacitação profissional de pessoas negras para realização de um ofício (p.1085).

Na verdade, todo o processo de experiências religiosas de matriz africana esteve ligado a vida das mulheres negras e, dentre essas experiências, o Candomblé. Entendendo o Candomblé como:

> Nome dado na Bíblia as cerimônias africanas. Ele representa para os seus adeptos, as tradições dos antepassados vindos de um país distante do alcance e quase fabuloso. Trata-se de tradições mantidas com a tenacidade, e que eles deram a força de continuar sendo eles mesmos, apesar dos

> preconceitos e do desprezo de quem eram objetos suas religiões, além da obrigação de adotar a religião dos seus senhores. O Candomblé torna-os membros de uma coletividade familiar, espiritual, para o qual estão ativamente preparados. Essa forma de organização social aproxima ali uma segurança e uma estabilidade que não sempre reencontramos em nossa civilização (VERGER,1999, p. 24 apud BERNARDO, 2005, p. 09).

Assim sendo, o terreiro apresenta-se como espaço privilegiado de afetos, vivências coletivas dessa população. Nos diz Carneiro (2007,n.p) que "a negra brasileira encontrou em sua espiritualidade ancestral, os mitos, os símbolos e os exemplos que eles inspiraram insubordinação, eles permitiram construir uma nova e altiva identidade."

No processo de construção da identidade coletiva negra, é preciso resgatar sua história e autenticidade, desconstruindo a memória de uma história negativa que se encontra na historiografia colonial ainda presente em nosso imaginário coletivo e reconstruir uma verdadeira história positiva capaz de resgatar sua plena humanidade e autoestima destruída pela ideologia racista presente na história e historiografia colonial.

Enfrentar esses espaços foi o que as mulheres negras sempre fizeram. Buscaram com isso se legitimar como pessoa humana que rompeu a objetivação do colonizador e se afirmam no candomblé, que já conheciam em África. O candomblé é parte da vida das mulheres negras, é o caminho da luta em defesa da religiosidade africana. A religião afro-brasileira "narra mitos de vários orixás femininos. Os poderes simbolizados pelos orixás femininos, delineiam força, o elemento da natureza nos remete ao poder matriarcal original" (CARNEIRO,1993, p. 10).

As mulheres negras se apoiam na tradição da centralidade, dos orixás que nos legaram admissão de mulher "Dobre os joelhos para as mulheres. A mulher nos postos do mundo; por isso nós somos seres humanos. A

mulher é a inteligência da terra. Dobre os joelhos para a mulher" (CARNEIRO,1993,p.19).

2 AS MULHERES NEGRAS E OS VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRICANOS

Dialogar sobre as mulheres negras é fazer o traçado das divindades do candomblé, nesta escrita dialogaremos com a cultura yorubá, que nos aponta as diversas possibilidades de ser e estar no mundo,

> O que os orixás nos dão a pensar permite adentrar nas intricadas teias das relações humanas e encontrar modos de entender as maneiras pelas quais os povos iorubás, no continente africano e na diáspora, organizam suas vidas, seus modos de conhecer, de organizar suas interações sociais, suas crenças e suas outras práticas cotidianas (NASCIMENTO, 2016, p. 29).

Muito dos valores civilizatórios são encontrados nos terreiros espalhados pelo Brasil. Ao destacarmos a expressão valores afro-brasileiros, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidas ou vindas para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram e instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais.

É em função desses valores que seguimos dentro dos terreiros. De acordo com Leite (1996, p.114) constituem-se como valores civilizatórios ancestrais:

> Força vital, palavra, homem, socialização, morte, ancestrais e ancestralidade, família, produção e poder [...] Sendo a força vital aquela energia inerente aos seres que faz configurar o ser-força ou força-ser, não havendo separação possível entre as duas instâncias, que desta forma constitui uma realidade única [...] Quanto à palavra, emerge como fator ligado a noção de força vital e, em seu aspecto mais primordial, tem

> como principal detentor o próprio pré-existente [...] O homem, sendo definido como síntese de alguns elementos vitais que se encontram em interação dinâmica permanente [...] morte, apresenta-se como um fator de desequilíbrio, promove a dissolução da União Vital em que se encontram os elementos constituintes do ser humano [...], A sociedade, entretanto, reorganiza-se rapidamente a fim de promover a superação da morte e restabelecer o equilíbrio, O que é conseguido através das cerimônias funerárias [...] Ancestrais e ancestralidade os ancestrais negro-africanos constituem, plenamente com a sociedade e sem dela separa-se, um princípio histórico-material e concreto capaz de contribuir para objetivação da identidade profunda de um dado complexo étnico de suas formas de ações sociais [...], O princípio histórico estabelecido pelos ancestrais é o elemento objetivador das regras mais decisivas que regem a estrutura e a dinâmica destas sociedades [...] Outro princípio seria a família, conhecida pela denominação de família extensa, é constituída por um grande número de pessoas ligadas pelo parentesco. Nas sociedades de organização matrilinear, figura que aqui serve de exemplo, o parentesco formula-se pelos laços uterinos de sangue, razão pela qual a mulher é a única fonte de legitimação das descendências [...] Produção, baseada essencialmente na suficiência destinada ao atendimento comunitário de necessidades vitais e específicas [...], A terra, principal recurso natural dessas sociedades agrárias [...] O poder, o poder nas sociedades sem Estado o exercício dele é fortemente concentrado em relação às unidades de produção já nas sociedades dotadas de Estado, a concentração do poder recai sobre um elemento centralizador, que abrange o conjunto da sociedade e que se manifesta essencialmente na figura do rei.

Na construção de uma trajetória de mulher negra com identidade candomblecista é fundamental a preservação desses valores. Como vistos na caminhada da yalorixá Lúcia dos Prazeres - filha de Conceição e Augusto, natural do morro da Conceição com muito orgulho - Mulher negra, que tem como orixá de cabeça Xangô. Sua saudação é: "kaô kabesílė ! Osé ,- Sangó- grande transmissor de àse" (ALVES; JESUS, 2020, p. 08).

A yalorixá é aquela que guarda; zeladora do orixá. Lúcia dos Prazeres dedicou a vida à preservação dos valores ancestrais. Na sua trajetória

recebeu diversas honrarias, esteve sempre no movimento popular. Uma caminhada ancestral de 28 anos de Santo que inspira.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES QUE NÃO SÃO FINAIS

As mulheres do Axé, como são conhecidas as negras de candomblé, revelam a consciência da sujeita que fala. Como bem diz Kilomba (2019, p. 27-28) "ainda há necessidade de tornar-nos sujeitas". Quando perguntado a Lúcia dos Prazeres sobre Candomblé, a mesma responde:

> Candomblé é uma comunidade afro-brasileira, vinda da África, espaço de preservação da cultura africana, de acolhimento, de cuidado, de ensinamentos dos princípios em que as pessoas devem se relacionar com a natureza, cuidar uma das outras, aprender a mitologia dos orixás a partir dos gestos, do estar junto, da disseminação dos saberes. É uma religião que chegando da África para o Brasil, criou um formato próprio, acolhendo e unindo todas as pessoas, abraçando a cultura da terra. Por isso é chamada afro-brasileira, além dos cultos aos Orixás de diversas nações se cultua também os povos indígenas.

A entrada dessa yalorixá no culto africano se deu a partir de uma situação que aconteceu na organização Maria da Conceição, localizada nas imediações do morro da Conceição, bairro da zona norte da cidade do Recife, quando receberam uma criança que completaria 10 anos e ainda não sabia ler nem escrever.

Através da metodologia de aprendizagem foram para casa dessa criança para buscar elementos que fizesse com que ela pudesse se sentir capaz e assumir sua vida. Foi quando a mesma estava tocando um instrumento de toque dos orixás, a organização comprou o material e a criança começou a tocar e a ensinar outras sobre os orixás.

Lúcia dos Prazeres é filha do Axé Eleobá, de Ketu, sua linhagem vem de bombochê Abidicou, primeiro africano que implementou uma casa em Salvador, depois dele veio a casa Branca de mãe Aninha, em seguida o axé de Mãe menininha do Cantuá e de pai Caio Egídio, filho de Xangô. Iniciou-se e foi para São Paulo.

Ela é filha de Xangô com Oxum, Oxalá e Iansã. Sua iniciação não se deu planejada, recebeu o orixá, o mesmo disse que ela ficasse e foi ficando.

Sentiu a energia e ficou. É de candomblé, é de Xangô e é yalorixá, honra seus orixás, bate cabeça para os orixás e para os mais velhos, mesmo não tendo casa aberta.

Sobre Candomblé é afirmado por Botelho e Nascimento (2011, p. 77) quando diz:

> A religiosidade de matriz africana presente hoje, no Brasil, é uma ressignificação dos cultos praticado em terra do continente africano por diversos grupos étnicos que passaram por algumas adaptações, consequência do processo econômico escravocrata.

A trajetória dessa negra de candomblé é longa e marcada pelo racismo e a intolerância religiosa, ou melhor, dizendo, pelo racismo religioso. Ainda não temos como concluir essa trajetória dos valores civilizatórios africanos. Lúcia dos Prazeres ainda está entre nós.

Como se refere o seu orixá,

> Sangó, ele é Rei, Obá! Na dinâmica social e cosmológica negro-africana tem a prerrogativa da justiça. Na diáspora, assume a função da justiça reparadora. Está ligado ao princípio físico e fenomenológico. Do fogo, Dos Rios, Dos trovões. Mistério das Árvores também o constitui. Vermelho, branco, Vermelho e branco (SILVEIRA, 2020, p.43).

4 REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade- Feminismos plurai**s. São Paulo: Sueli carneiro PÓLEN, 2019.

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, OlorodeÒgìyánKálàfóJayro Pereira de (Orgs). **A Matriz Africana:** Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas (Série Pensamento Negro Descolonial). Vol. 2. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2020.

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o poder feminino. IN.: **Revista de Estudos da Religião** - nº 2. São Paulo: PUC, 2005. p. 01-21. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf Acesso em: 15 dez. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Mulher negra. **Cadernos GELEDÉS IV**. Ed. Comemorativa de 23 anos, 1993.Disponível em:https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf. Acesso em: 15dez. 2021.

CARNEIRO, Sueli. Mulher negra. A força das mães negras. In **Le Monde Diplomatique**. Brasil, ano 2, n.21, out. 2007. Disponível em: <www.diplo.com.br>. Acesso em: 20dez. 2021.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações das mulheres negras e feministas negras contra o racismo e sexismo na sociedade brasileira. **Revista Direito e Práxis**, 2018.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **África: revista do centro de estudos africanos**. São Paulo: USP, 1996.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Olajá: encontros-EXU, o senhor do mercado. **Revista das Questões**. Nº 4. 2016.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p. 71-88, Jan./Jun. 2018.